

# Crescimento depende da produção

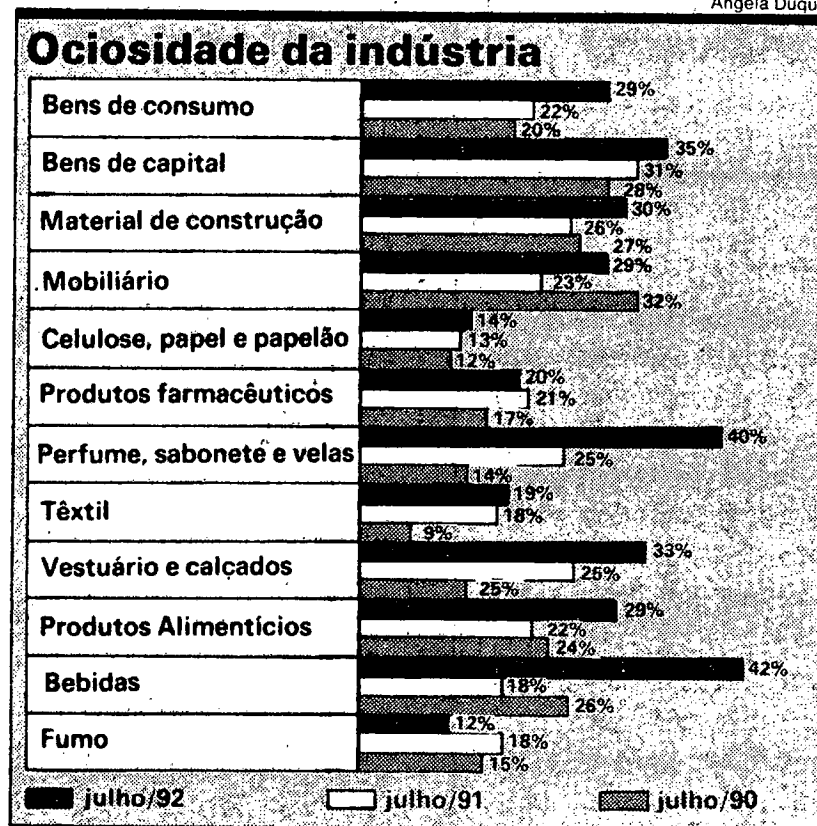
■ Retomada do desenvolvimento virá com a ocupação da capacidade ociosa

LIANA MELO

A economia brasileira está presa a uma camisa de força. Os preços não caem e a produção não cresce porque está faltando consumidor no mercado. A indústria está convivendo hoje com uma ociosidade que beira os 35% e sua expansão depende da certeza de que, no futuro, haverá demanda. Conclusão: ampliar a produção em 1993 depende muito mais de uma decisão política do que econômica. Como a insegurança é geral, os empresários não estão sensíveis a ocupar a capacidade ociosa.

O coordenador do Grupo de Acompanhamento Conjuntural do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Claudio Considera, está convencido de que o simples azeiteamento do parque industrial seria suficiente para jogar a primeira na economia brasileira, colocando-a novamente no trilho do crescimento econômico. Quer dizer: não são necessários grandes investimentos para que a produção industrial volte a crescer. Basta ocupar a capacidade que hoje está ociosa, trazendo de volta para as fábricas os 23.700 empregados cariocas que, segundo dados da Firjan, foram demitidos este ano.

O Brasil está mostrando a sua cara e ela não é das mais simpáti-



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV)

cas. Dados do Dieese apontam perda salarial que dimensiona o tamanho da crise. Até julho passado, cerca de 70% dos trabalhadores que recebem até três mínimos de um grupo de 70 setores econômicos estavam com poder de consumo entre 30% e 50% inferior ao do mesmo período passado.

Os empresários estão adiando decisões à espera do Brasil novo

que vai surgir após o resultado da CPI do PC. O presidente da Neoplástica Indústria e Comércio e Representação, Gilberto Jaramillo, confirma que sua empresa está trabalhando a 60% da sua capacidade, mas ele prefere manter esta patamar a correr o risco de ampliar a produção num momento em que não existe demanda. Se o ceticismo dos empresários fosse substituído pelo otimismo, a pro-

dução industrial em 1993 poderia crescer em até 30%. A previsão é de Considera que admite, no entanto, que o cenário não sinaliza uma melhora substancial da situação.

O presidente dos Laboratórios Gross, Carlos Fernando Gross, não tem nenhuma pretensão de ocupar, em 1993, os 30% de capacidade ociosa. Ele não acredita que vai haver demanda que justifique este aumento de produção. Também pudera. O setor farmacêutico, segundo o Conselho Regional de Farmácia do Rio, deverá acumular, até o fim do ano, um aumento real de janeiro a dezembro de 60%.

“Cadê o consumidor? Ele sumiu”, respondeu o vice-presidente da Carlos Pereira, Luis Eduardo Pereira de Carvalho, quando perguntado sobre a eventual possibilidade de ocupar, no próximo ano, os 25% de capacidade ociosa instalada na sua fábrica. A empresa tem condições de produzir, por mês, 3.200 t de sabão de coco e em pedra. Ele tem consciência de que com a atual política salarial dificilmente os empresários vão ampliar a produção.

O vice-presidente da União Fabril Exportadora (UFE), Gilberto Rabello, admite que seu sonho de consumo é aumentar a produção da empresa, que disputa com a Carlos Pereira uma fatia do mercado.